

# “Para mulheres na ciência”: uma análise do programa da L’Oréal

Fabiani Figueiredo CASEIRA<sup>1</sup>  
Joanalira Corpes MAGALHÃES<sup>2</sup>

## Introdução

Na contemporaneidade, temos observado alguns movimentos que têm possibilitado maior visibilidade às mulheres cientistas. Dentre esses movimentos, destacamos editais de agências de fomento específicos para mulheres que pesquisam no campo da ciência, bem como premiações oriundas de empresas privadas que buscam destacar pesquisas realizadas por mulheres cientistas. Uma dessas empresas é a L’Oréal Brasil, que promove desde 2006, em parceria com a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) e com a Academia Brasileira de Ciências (ABC), o Programa “Para Mulheres na Ciência”. Nesse ano esse programa completa 10 anos e “[...] tem como motivação a transformação do panorama da ciência no País, favorecendo o equilíbrio dos gêneros no cenário brasileiro e incentivando a entrada de jovens mulheres no universo científico.” (ABC, 2014).

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação em Ciências. FURG - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande – RS - Brasil. 96203-900 - caseiraff@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação em Ciências. FURG - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande – RS - Brasil. 96203-900 - joanaliracm@yahoo.com.br

Nesse artigo<sup>3</sup> temos como objetivo investigar o edital e a página do Programa “Para Mulheres na Ciência” na Internet, referentes à premiação do ano de 2013, bem como alguns excertos presentes nos sites das parcerias ABC e UNESCO.

Ao construir essa pesquisa não buscamos uma causa no passado para o surgimento dessa premiação na contemporaneidade, mas, de acordo com Foucault (2014), tecemos considerações a partir de algumas pistas acerca da emergência dessa premiação no Brasil. Com isso, não construímos explicações únicas e isoladas, mas entendemos que essas produções são de múltiplos aspectos, permeadas por relações de poder, que construíram o passado e constroem o presente. De acordo com Boaventura de Souza Santos (2006, p.7)

Vivemos num tempo atônito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos ainda deixado de ser, sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser.

Dessa forma visamos entender a presença das mulheres na ciência, olhando para o passado e buscando nele algumas possibilidades. Observando estes cruzamentos de sombras que passaram, mas que ainda permanecem de certa forma na contemporaneidade, por meio dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas.

Em um primeiro momento buscamos, no presente artigo, compartilhar com os/as leitores/as a fundamentação teórica e alguns/algumas autores/as que vêm transitando dentro dessa temática ou de temáticas mais amplas que estão nos possibilitando pensar a presença/ausência da mulher na ciência. Posteriormente, vamos apresentar a metodologia de produção de dados, bem como as ferramentas de análise dos mesmos. No terceiro momento teceremos algumas análises. Por fim, considerações com relação a esse artigo.

---

<sup>3</sup> O artigo compõe uma pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida no programa de Pós- Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e saúde, uma ampla associação entre a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e que está vinculada à linha de pesquisa *Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos*.

## **A presença das mulheres na ciência: lutas, desafios e possibilidades**

No século XIX, o rompimento da velha ordem [...] fechou às mulheres o acesso formal à ciência de que podiam ter desfrutado. Numa época em que as atividades domésticas passavam por privatização, a ciência estava sendo profissionalizada [...] os astrônomos, por exemplo, deixaram de trabalhar em observatórios familiares de áticos. Com a crescente polarização das esferas públicas e doméstica, a família deslocou-se para a esfera doméstica privada, enquanto a ciência migrava para a esfera pública da indústria e universidade. (SCHIEBINGER, 2001, p.69).

As palavras da autora nos possibilitam pensar em alguns questionamentos: Por que o acesso à ciência foi restrito aos homens? Por que as mulheres não podiam ser vistas como profissionais desse campo do saber? Segundo Lavínia Schwantes, Paula Henning e Paula Ribeiro (2013, p.52), na modernidade “Não são todos que podem falar da ciência, fazer ciência e sentir-se cientista, uma vez que essa é uma classe especializada e restrita”. Conforme Schiebinger (2001), durante muito tempo as mulheres foram, de certa forma, impossibilitadas de participar da produção do conhecimento científico, devido à institucionalização e profissionalização da ciência. Com esse movimento, o espaço da academia foi destinado socialmente aos homens. Naquela época algumas mulheres, tais como Margaret Cavendish ou duquesa de Newcastle<sup>4</sup>, Sophia Germain<sup>5</sup>, a astrônoma Maria Winkelman<sup>6</sup>, e a Marie Curie<sup>7</sup>, já vinham atuando no campo

---

<sup>4</sup> Nascida em Margaret Lucas em 1623, era uma aristocrata Inglês, cientista, poeta, filósofa, escritora e romances em prosa, ensaísta e dramaturgo. Publicou sob o seu próprio nome numa altura em que a maioria das mulheres escritoras publicavam anonimamente. Publicou na área da filosofia natural e da ciência moderna, além de ficção científica.

<sup>5</sup> Nascida na França em 1776, filha de um comerciante financeiramente bem-sucedido, porém não pertencia a aristocracia. Nunca se casou teve sua carreira científica na área de matemática financiada pelo pai. Estudou na Escola Politécnica de Paris, uma academia de excelência para a formação de matemáticos e cientistas, para isso assumiu a identidade de um antigo aluno da academia, Monsieur Antoine-August Le Blanc, devido ao desempenho notável dela, a direção solicitou um encontro pessoalmente, no qual a sua identidade foi revelada para o inspetor do curso, o qual se tornou mentor e amigo dela.

<sup>6</sup> Nascida na Alemanha em 1670, casou-se com Gottfried Kirche e passaram estudando astronomia juntos e trabalhando juntos em observações e cálculos, bem como observações meteorológicas, para produzir calendários, efemérides e almanaques que foram utilizados para a navegação.

<sup>7</sup> Nascida na Polônia em 1867, atuou principalmente na área da física, foi a primeira

da ciência; entretanto, para que essa atuação ocorresse, algumas utilizavam-se de pseudônimos masculinos, outras apareciam na figura de ajudantes de seus maridos ou filhos cientistas e algumas mulheres produziam conhecimento fora do espaço da academia em um trabalho considerado informal. As mulheres também eram impedidas de participar de atividades realizadas nos centros de cultura científica como a *Royal Society* de Londres, a *Académie Royale des Sciences* de Paris.

No Brasil, a situação das mulheres na produção da ciência também não era muito diferente. Para as autoras Lizete Maciel e Neto Shigunov (2006) a educação de mulheres no Brasil tem início nos séculos XVI e XVII nos conventos, onde aprendiam a ler, escrever e o cuidado doméstico, pelo período de três anos. Como essa educação era realizada por freiras, o ensino do ato da leitura se dava quase que exclusivamente pelos textos sacros. No século XVIII, se tem o surgimento das escolas públicas, as quais separavam os meninos e as meninas. A partir da reforma Leôncio de Carvalho, decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, as mulheres tiveram acesso ao ensino superior no Brasil. Dessa forma, as mulheres tiveram a possibilidade de obter um título acadêmico.

O ingresso e o reconhecimento tardio das mulheres nas carreiras científicas também apresenta rastros quando pensamos em premiações destinadas a esse campo do saber. Segundo Ático Chassot (2003), os homens sempre foram maioria nas premiações – um exemplo disso é o Nobel, uma premiação a nível mundial. Conforme Chassot (2003), a primeira mulher a receber o prêmio Nobel foi Marie Curie em 1903. De acordo com Marinês Domingues Cordeiro (2013, p.2),

[...] premiações a mulheres cientistas revelam a desproporção entre os gêneros na atividade científica, fato conhecido, mas que vem mudando nos últimos anos [...] profissões em ciência, engenharia e política são tradicionalmente consideradas masculinas, enquanto são tomadas como femininas aquelas em educação, enfermagem ou as domésticas. Essa classificação historicamente instituída, e as francas desproporções entre os gêneros nessas atividades propiciam a intrusão nelas de certos valores socialmente compreendidos para cada grupo.

Pensando nessa “ausência” das mulheres em determinadas áreas e na produção do conhecimento científico, buscamos no próximo tópico apresentar

---

peessoa a ser laureada duas vezes com um Prêmio Nobel, de Física, em 1903 (dividido com seu marido, Pierre Curie, e Becquerel) pelas suas descobertas no campo da radioatividade (que naquela altura era ainda um fenômeno pouco conhecido) e com o Nobel de Química de 1911 pela descoberta dos elementos químicos rádio e polônio.

algumas justificativas que foram produzidas ao longo da história para justificar a invisibilidade das mulheres na ciência.

### **O biológico e o cultural: a invenção do gênero e da ciência**

Mozans trás que [...] o que as mulheres conseguiram na ciência foi através de desafios, as mulheres não teriam capacidade de fazer ciência. No século XIX se concentrando amplamente em tentativas de mostrar diferenças no crânio, tentando mostrar que o cérebro feminino era muito pequeno para o raciocínio científico. (SCHIEBINGER, 2001, p. 57).

O excerto acima nos possibilita perceber o quanto ao longo do tempo tornou-se uma prática legítima atribuir características biológicas como justificativa para a ausência das mulheres dentro da produção da ciência. Nas palavras de Fabíola Rohden (2001, p.15) “[...] a diferença física entre os sexos é expressa desde os ossos até o cérebro, passando pela pele, pelos músculos e pelas fibras. O corpo masculino é quase sempre descrito como superior em relação ao feminino.” Isso, de acordo com Rohden (2001, p.15), se deve ao fato de que “o corpo feminino seria moldado para a gestação e para o nascimento”. Ao trazer tais explicações pautadas nessa materialidade biológica, atribuíam-se características ao corpo feminino – delicado, materno, reprodutivo, desprovido de inteligência, entre outras – para justificar a ausência feminina na história da ciência. Com isso, não está se negando que as mulheres não tenham feito parte da história da ciência, mas que permaneceram invisibilizadas durante muito tempo dentro desse campo do saber. Um exemplo apontado pela autora é com relação ao tamanho do crânio. Por volta do século XVIII produziu-se um discurso científico o qual apontava que, pelo fato da mulher ter um crânio menor que o do homem, elas não poderiam produzir conhecimento, sendo consideradas intelectualmente inferiores a eles.

Durante séculos foi se construindo essa metanarrativa de que as mulheres não eram capazes de produzir conhecimentos científicos, apenas os homens eram dotados de tal aptidão. Nesse sentido, vemos emergir alguns estudos teóricos que visam problematizar metanarrativas como essa. O conceito de gênero emerge tendo essa finalidade. De acordo com a historiadora Joan Scoot (1995, p.75), a utilização do termo gênero visa rejeitar

Explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

Esse entendimento acerca do gênero foi construído inicialmente por feministas anglo-saxãs, na década de setenta. Conforme Joanalira Magalhães (2008, p. 26), “A expressão tinha como proposta uma rejeição do determinismo biológico presente no uso de termos como sexo e diferença sexual.” Segundo Dagmar Meyer e Rosângela de Fátima (2003, p. 16), o gênero,

[...] a partir das abordagens feministas pós-estruturalistas, é entendido como uma construção social, cultural, histórica e linguística, produto e efeito de relações de poder, incluindo os processos que produzem mulheres e homens, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade.

Entendendo o gênero como uma construção social, cultural e política, emerge a crítica feminista à ciência para demonstrar e denunciar a exclusão e invisibilidade das mulheres na produção da mesma. Conforme Guacira Louro (2014), essa crítica tem por objetivo tornar visível quem está ocultada por meio da segregação social e política às quais as mulheres foram historicamente conduzidas à invisibilidade. Essa invisibilidade é produzida através de múltiplos discursos que caracterizavam a esfera do privado e o espaço doméstico como o “verdadeiro” universo feminino.

A fim de questionar os atributos e padrões construídos socialmente acerca do gênero feminino e masculino com relação a produção do conhecimento científico, ancoramos nossa discussão a partir da crítica feminista à ciência.

A centralidade da crítica está posta na forma de organização do mundo social e natural materializado nas relações sociais, cognitivas, éticas e políticas entre homens e mulheres, assim como nas suas expressões e significados no mundo simbólico. (BANDEIRA, 2008, p.208).

Nesse sentido, também podemos pensar que não se nasce mulher/homem cientista com aptidões para ciência, mas são os diversos espaços pelos quais transitamos que constituem nossas múltiplas identidades, que nos ensinam modos de viver e definir as masculinidades e feminilidades, bem como as atribuições de quem é legitimado para produzir conhecimento com aquelas características que são designadas como necessárias para fazer ciência – racionalidade, neutralidade, entre outras.

Cabe destacar que, conforme Fabiane Silva (2012, p.55), “[...] do mesmo modo que o gênero, a ciência também é uma construção social e histórica, produto e efeito de relações de poder, portanto, as construções científicas não são universais e sim locais, contingentes e provisórias.”

Por esse viés, a fim de investigar na contemporaneidade algumas questões de gênero e ciência que envolvem a premiação “Para mulheres na ciência”,

produzimos os dados a partir do material disponível na página de Internet da premiação. Assim, buscamos nos fragmentos apresentados que estavam contidos na página, e ancorada no referencial teórico desse artigo, apontar algumas pistas acerca da emergência dessa premiação no Brasil.

### **Caminhos e escolhas metodológicas para a produção e análise de dados**

Nesta pesquisa teremos como objeto para produção dos dados o site do Programa “Para Mulheres na Ciência”, bem como o site das parcerias ABC e UNESCO. Nesses sites iremos analisar o edital, a comissão julgadora, as parcerias e o slogan do programa, referentes ao ano de 2013.

A escolha dessa premiação e não outra se deu pelo fato de ser a mais antiga a emergir no Brasil (2006), e desde então tem sido divulgada, em jornais, revistas e sites online, apresentando maior disponibilidade de materiais, atinge um número maior de mulheres premiadas, bem como de sujeitos/as que tiveram a possibilidade de conhecer essa premiação através dos artefatos culturais. O ano escolhido para produção dos dados (2013), se deve ao fato de ter surgido um novo requisito no edital para as vencedoras cumprirem. No caso tinham que desenvolver atividades que envolvessem a produção da ciência em escolas.

Segundo as informações contidas no site da L’Oréal (2015), essa premiação surge no Brasil em 2006, por meio de uma parceria entre a Academia Brasileira de Ciência (ABC), a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) e a Fundação L’Oréal Brasil. Tendo como objetivo reconhecer e premiar anualmente sete jovens cientistas brasileiras para que estas possam investir em suas pesquisas e incrementar o desenvolvimento da ciência no país, pois, segundo a premiação, ao dar a ciência um rosto feminino, a Fundação L’Oréal se esforça para inspirar jovens mulheres de hoje para se tornarem pesquisadoras amanhã.

A ABC foi fundada em 1916 com o principal objetivo de estimular a continuidade do trabalho científico dos seus membros, o desenvolvimento da pesquisa brasileira e a difusão da importância da ciência como fator fundamental do desenvolvimento tecnológico do país, no início dividida em três grandes áreas: Ciências Matemáticas, Ciências Físico-Químicas e Ciências Biológicas, e posteriormente divididas em Ciências Matemáticas, Físicas, Químicas, da Terra, Biológicas, Biomédicas, da Saúde, Agrárias, da Engenharia e Sociais.

A UNESCO foi criada em 1945 logo após a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados. Atualmente são 193 países que fazem parte dessa organização – na busca de soluções para os problemas que desafiam a sociedade.

A L’Oréal é uma empresa multinacional francesa de cosméticos com sede em Clichy, na França. Fundada por em 1909 por Eugène Schueller, é especializada em produtos para cabelos (xampus e colorações), perfumes, maquiagens, protetores solares e produtos dermatológicos. Mais voltada especificamente para produtos tidos como do universo feminino, inclusive a maioria de suas propagandas são direcionadas para esse, usando mulheres como modelos para mostrar o resultado quando se usa determinado produto. Recentemente têm aparecido mais produtos para o público masculino, no sentido de atender a um perfil de homem que tem surgido, os metrossexuais.

Para a divulgação dessa premiação se tem um site específico com informações referentes à mesma (L’OREAL, 2015). A seguir apresentamos brevemente a página do programa, bem como as unidades que a compõe, com relação à sua estrutura. A página é dividida em seis unidades, sendo elas:

**Home**, nela estão presentes informações do programa, tais como o slogan da premiação “O mundo precisa de ciência e a ciência precisa de mulheres”, um vídeo com a opinião das vencedoras do ano de 2013, e-mail de contato, e breve histórico do programa.

**Parcerias**, vem apresentando o objetivo da premiação bem como as instituições que fazem parte dessa premiação, no caso a ABC, UNESCO e a L’Oréal Brasil.

**Juri**, ao qual é apresentada a comissão julgadora da premiação “Para Mulheres na Ciências”, composto por quinze profissionais, sendo esses treze da ABC, sendo eles Jacob Palis Jr. (Matemática – IMPA), Marcelo Miranda Viana da Silva (Matemática – IMPA), Beatriz Leonor Silveira Barbuy (Astrofísica – USP), Belita Koiller (Física – UFRJ), Cid Bartolomeu de Araújo (Física – UFPE), Márcia Cristina Bernardes Barbosa (Física - UFRGS), Jailson Bittencourt de Andrade (Química – UFBA), Maria Domingues Vargas (Química – UFF), Angela Maria Vianna Morgante (Biológica – USP), Lucia Mendonça Previato (Biomédica – UFRJ), Manoel Barral Netto (Biomédica – UFBA), Mara Helena Hutz (Biológica – UFRGS), e Mauro Martins Teixeira (Biomédica – UFMG). Uma representante da Loreal Brasil, sendo ela Sra. Suely Bordalo (Diretora Científica da L’Oréal Brasil), e um representante da UNESCO Sr. Ary Mergulhão Filho (Coordenador do Setor de Ciências Naturais da UNESCO no Brasil). Sendo presidente do Juri Jacob Palis Jr. Essa comissão julgadora responsável por analisar os trabalhos e conferir as premiações para as ganhadoras.

**Busca** é uma área destinada às candidatas realizarem as suas inscrições e consultarem o resultado, nela também fica disponível o edital durante o período de inscrições. Após o julgamento dos trabalhos, as candidatas podem ver o *feedback* da inscrição, dado pela comissão julgadora.

**Bolsistas** é o espaço no qual se encontram os nomes de todas as ganhadoras da premiação desde o ano de 2006 até o ano de analisado.

**Laureadas internacionais**, faz parte de uma outra premiação da L'oréal para as mulheres na ciência que foi fundada em 1998, a parceria L'oréal/ UNESCO *For Women in Science*, criada para valorizar e promover as mulheres na ciência. A cada ano, cinco notáveis pesquisadoras, uma por continente, cujas realizações de destaque têm contribuído para o avanço do conhecimento científico e gerado benefícios para a sociedade, são laureadas no programa. O Brasil possui cinco Laureadas Internacionais, são elas: Mayana Zatz (Genética - USP), em 2001; Lucia Previato (Microbiologia - UFRJ), em 2004; Belita Koiller (Física - UFRJ), em 2005; Beatriz Barbuy (Astrofísica - USP), em 2009; Marcia Barbosa (Física - UFRGS), em 2013 e Thaisa Storchi Bergmann (Astrofísica – UFRGS) em 2015.

As enunciações analisadas foram produzidas a partir desse site específico sobre a premiação e de algumas matérias presentes nos sites das parcerias. Para tanto, fizemos a leitura e seleção do material, buscando aqueles assuntos que mais apareciam entre os temas destacados pelas mulheres ganhadoras, pelos órgãos responsáveis pela premiação ou pelos seus representantes.

A fim de investigar essa rede discursiva produzida sobre as mulheres cientistas, para análise dos dados, vamos utilizar algumas ferramentas da análise do discurso de Michel Foucault. Conforme esse autor (2004, p. 132-133), estamos entendendo discurso como

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva [...] constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmentado de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo.

Analisar os discursos a partir dos entendimentos de Foucault, é trabalhar a partir das coisas ditas, a partir da existência das palavras. Para Magalhães (2012, p.142) seria “considerar que não existe nada oculto e que necessita ser revelado nas análises”. Sendo esse discurso fragmentado, o qual apresenta uma estreita relação com o poder, sendo a todo o momento controlado, selecionado, organizado e redistribuído (FOUCAULT, 2013).

Segundo Foucault (2004) o discurso não descreve apenas os objetos dos quais fala, como também é constituidor desses objetos. Nesse processo, o

importante é examinarmos quais são seus efeitos de verdade, isto é, como eles são tomados como verdades. Assim, nas análises culturais, consideramos que os discursos constroem “[...] de forma sistemática, versões do mundo social e natural e para o modo como ele[s] posiciona[m] os indivíduos nas relações de poder [...]” (FISCHER, 2002, p. 86).

Dessa maneira procuramos pensar, a partir da análise dos dados, que discursos estão sendo produzidos com relação às mulheres cientistas. São todas as mulheres cientistas premiadas? Que exigências são apresentadas para poder participar desse programa? Que áreas do saber são privilegiadas por essa premiação? Que condições possibilitaram a emergência de um programa específico de premiação para mulheres cientistas?

Dessa forma, o objetivo, a partir da análise do discurso, é olhar o discurso em si e o que ele produz, levando em conta seu contexto político, social e econômico. Buscamos entender a presença/ausência das mulheres na ciência, olhando a premiação “Para Mulheres na Ciência”, tendo em vista levantar algumas pistas acerca da emergência dessa premiação no Brasil. Também buscamos problematizar os discursos produzidos sobre as mulheres cientistas, desafios, estigmas e possibilidades para elas na carreira científica no Brasil.

### **Tecendo algumas análises: Mulheres na ciência? Desafios, estigmas e descobertas**

As últimas décadas testemunham consideráveis avanços no que diz respeito à inserção e à participação das mulheres no campo científico. Atualmente, é possível perceber o número significativo de mulheres em muitas universidades do país como docentes e pesquisadoras, como estudantes de graduação e pós graduação. (FERREIRA; RIBEIRO, 2012, p. 55-56).

A citação nos anuncia um aumento crescente quanto ao número de mulheres no campo da ciência. O que podemos observar na contemporaneidade é que esse aumento é para além das universidades ou instituições de pesquisa, também têm aumentado as premiações de incentivo para as mulheres na produção do conhecimento, principalmente na área das Ciências Naturais ou Exatas, como é o caso dessa premiação que estamos analisando na produção desse artigo, e em outras premiações como prêmios de órgão de fomento público, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), são eles “Construindo a Igualdade de Gênero”, “Mulher e Ciência” e “Meninas e Jovens Fazendo Ciências Exatas”.

Olhar a emergência dessas premiações nos possibilitou refletir e formular alguns questionamentos: São as mesmas posições que os homens e as mulheres ocupam dentro da produção do conhecimento científico? Na ciência são todas

as áreas que o número de mulheres se equipara ao dos homens? Que condições possibilitaram a emergência dessas premiações para as mulheres cientistas?

Para analisarmos essa rede discursiva com relação às mulheres na ciência, com base na organização dos dados apresentados nos sites, estabelecemos algumas categorias de análise:

1. Que mulheres são essas que a ciência precisa?
2. As exigências da premiação
3. Surgimento da premiação no Brasil: os direitos e deveres das premiadas

### **Que mulheres são essas que a ciência precisa?**

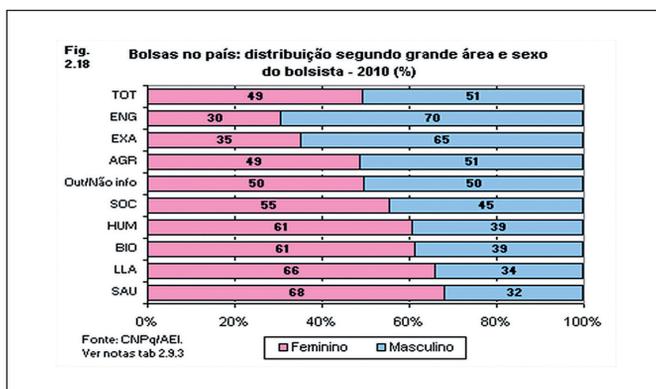
Mobilizadas com relação a essa premiação específica para mulheres na ciência, nos questionamos sobre quais seriam as condições de possibilidade de sua emergência. Numa primeira análise, podemos pensar sobre o slogan presente na página da premiação “O mundo precisa de ciência e a ciência precisa de mulheres” (L'ORÉAL, 2015). Por que só agora o mundo precisa de ciência e a ciência precisa de mulheres? Por que durante tanto tempo as mulheres de certa maneira foram “excluídas” das universidades, academias e instituições de pesquisa, e atualmente se incentiva a participação feminina? Foram séculos se atribuindo às mulheres características ou “verdades” biológicas que falavam de sua incapacidade (embora algumas mulheres adentrassem nesse meio tido como masculino), para produzir conhecimento, e por que só atualmente têm surgido esses incentivos?

Segundo Foucault (2014), muitos discursos científicos vão sendo produzidos e ganhando o caráter de verdade, discursos esses que, para serem verdade, precisam estar dentro da rede de poder-saber, do período em que se olha, e do qual se depende para ser considerado uma verdade. Nesse sentido, em determinado período a verdade para produção do conhecimento científico era de que as mulheres eram incapazes de fazê-lo. Na contemporaneidade essa “verdade” tem sofrido pequenas rupturas e vimos emergir iniciativas para incentivar as mulheres a adentrarem nesse campo. Contudo, características biológicas “femininas”, diferentes dos homens, são elencadas para presença das mulheres na produção da ciência. Podemos perceber isso através da fala de Marlova Noleto, representante da Unesco: “A ciência necessita da força e da delicadeza que só as mulheres sabem combinar.” (ABC, 2014). Dessa forma, as mulheres contribuiriam para a ciência, pois elas teriam um olhar diferente dos homens. Embora se afirme a presença e contribuição das mulheres na ciência, ainda são apontadas características diferentes de homens e mulheres para tal participação.

Hildete Melo e Ligia Rodrigues (2013) argumentam que não são em todas as áreas que a presença feminina tem aumentado, e a inclusão das mulheres nas

profissões científicas tem acontecido de forma muito lenta e em número muito pequeno quando comparado ao número de homens nas áreas das Ciências Exatas, tais como Matemática, Física e Engenharias; porém as mulheres aparecem em maioria nas áreas ligadas às Ciências Humanas e Sociais. É possível verificar isso na página da internet do Conselho Nacional de Pesquisa e Tecnologia (CNPQ), conforme aparece na Figura 1.

**Figura 1** – Bolsas no País e distribuição segundo área e gênero dos bolsistas



Fonte: CNPq (2015).

Ao analisar o edital, observamos que ele apresenta possibilidade de premiação para as seguintes áreas: “serão atribuídas nas áreas de Ciências Físicas (1 Bolsa); Ciências Biomédicas, Biológicas e da Saúde (4 Bolsas); Ciências Matemáticas (1Bolsa); e Ciências Químicas (1 Bolsa)” (L’ORÉAL, 2015). Os dados disponibilizados pelo CNPQ e o Edital da premiação analisada, nos possibilitam pensar quais áreas do saber estão sendo privilegiadas por essa premiação? Existe uma ciência mais autorizada do que outra? Por que as mulheres estão presentes mais em uma área do que outra? Por que a premiação se restringe a apenas algumas áreas?

Notamos a partir do edital que através de um de seus critérios, áreas do conhecimento, de certa forma ocorre a “exclusão” das Ciências Humanas e Sociais como área da ciência. Ao olhar para essa ausência como um dado que também produz significados, podemos problematizar a representação de que a área de Ciências Humanas não é considerada uma ciência que merece premiação, ao contrário das diversas áreas da ciência contempladas pela premiação, ou o fato de que apenas se considera como uma cientista mulher merecedora de uma premiação aquela que atua nas áreas apontadas nesses materiais. Além desta característica do edital, também é possível notar que são premiadas somente as ciências caracterizadas pela clássica ciência de bancada,

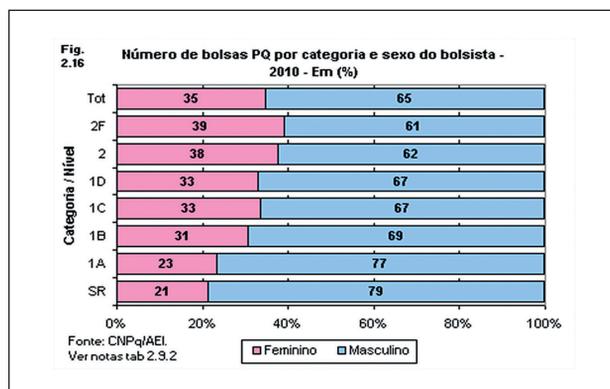
marcada pelas atividades experimentais com equipamentos de laboratório, muitas vezes sofisticados.

A premiação para as mulheres na Física, na Matemática e na Química – Ciências Exatas – talvez seja uma forma de incentivar as mulheres nessa área, conforme nos mostram os dados presentes na tabela acima, em que as mulheres nas Ciências Exatas estão em menor número. Segundo Silvia Yannoulas (2013), ao olhar a educação das mulheres no Brasil esse fato não acontece ao acaso, pois em 1827, ano em que foi regulamentado o ensino feminino no Brasil, as classes separadas por gênero era apenas um detalhe, a diferença podia se notar mais especificamente na grade curricular pois, os meninos tinham o ensino de geometria e matemática, enquanto que para as meninas eram ensinadas atividades domésticas por meio de regras de etiqueta e moral. O acesso ao ensino superior foi apenas mais tarde, em 1879, com a reforma Leôncio de Carvalho e foram muitos obstáculos para seguirem na carreira científica, devido à institucionalização da ciência baseada em um padrão androcêntrico.

Ao olhar os dados do CNPQ (Figura 1), notamos que as Ciências Biológicas e da Saúde estão em maior número de mulheres, comparado às Ciências Exatas. Esse dado nos possibilita questionar por que na premiação destina mais vagas às Ciências Biológicas, Biomédicas e da Saúde, se não seriam as Ciências Exatas que necessitariam de mais vagas e maiores incentivos? Segundo Yannoulas (2013, p.71), “[...] a presença das mulheres nas áreas exatas ocorre com mais de duas décadas de atraso se comparado com áreas da saúde e do direito.”

Apesar de aparecerem em maior número em algumas áreas, nas pesquisas científicas ainda tem sido creditado maior mérito ao gênero masculino independente da área de atuação. Ao olhar os dados contidos na página do CNPQ é possível notar que o número de mulheres é menor com relação ao número de homens, com relação às bolsas concedidas à Produtividade em Pesquisa (PQ). Bolsas essas concedidas a pesquisadores/as que chegam ao topo da carreira científica, que se destaquem entre seus pares, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq, e específicos, pelos Comitês de Assessoramento (CAs) do CNPq. Segue abaixo a Figura 2 com os índices de PQ, por sexo, retirados da página do CNPQ.

**Figura 2** – Número de bolsas PQ no País e distribuição segundo área e gênero dos bolsistas



Fonte: CNPq (2015).

Quanto menor o PQ, maior a produtividade. Sendo que PQ1 é maior nível de produtividade em Pesquisa e 2F a menor. No PQ1 o número de mulheres é muito menor que o número de homens, no caso, as mulheres correspondem a 23% e os homens a 77%. No menor nível PQ, são 35% de mulheres e 65% dos homens. Conforme diminui o PQ, aumenta o número de mulheres e ao total de todas as bolsas concedidas ainda assim o número de homens é superior ao número de mulheres, no caso 35% concedida a mulheres e 65% aos homens.

Esses dados nos possibilitaram algumas reflexões, como inferir que talvez essa premiação tenha emergido no Brasil como uma política de afirmação, que tem de certa forma provocado algumas rachaduras nessa ciência moderna constituída apenas por homens. Porém isso não tem acontecido em todas as áreas do conhecimento, e mulheres ainda ocupam níveis de hierarquia diferente dos homens.

### As exigências da premiação

Conforme foi apresentado nos dados empíricos, os responsáveis pelo julgamento dos trabalhos selecionados são a ABC, UNESCO e a L’Oréal, sendo essa premiação desenvolvida por órgãos renomados.

Ao olhar para essa premiação notamos que ela está presente em aproximadamente 50 países, porém, apenas no Brasil esta premiação está ligada à academia de ciência, nos outros países, bem como nas laureadas internacionais, a parceria se dá apenas entre a L’Oréal e a UNESCO. Podemos inferir que a participação da ABC enquanto órgão que divulga e fomenta a produção científica brasileira, proporciona maior credibilidade a essa premiação. Essa parceria

tem como objetivo contribuir para a igualdade de gênero na ciência. Podemos perceber isso a partir do excerto: “[...] tem como motivação a transformação do panorama da ciência no País, favorecendo o equilíbrio dos gêneros no cenário brasileiro e incentivando a entrada de jovens mulheres no universo científico.” (L'ORÉAL, 2015).

Mas não é qualquer mulher cientista que pode concorrer a essa premiação. A comissão Julgadora elege alguns critérios para participar, sendo necessários alguns pré requisitos, que, segundo o edital, é necessário ter

[...] residência estável no Brasil, por no mínimo há 4 anos, e desenvolvam projetos de pesquisa em instituições nacionais [...] concluído o doutorado a partir de 01/01/2007, e que se proponham a realizar trabalhos científicos em instituições brasileiras adequadas ao desenvolvimento do projeto submetido [...]ter seu “curriculum vitae” atualizado na Plataforma Lattes. (L'ORÉAL, 2015).

Ter doutorado concluído, em no máximo cinco anos, disponibilidade para realizar trabalhos científicos em instituições no Brasil e ter um currículo Lattes. Isso é uma forma de avaliar a produção científica de cada candidata, para poder inferir se ela é ou não uma pesquisadora que tenha uma produção científica considerável em número de publicação e *qualis* da revista para ser merecedora da premiação.

No ato da inscrição, deverá incluir também alguns documentos como o formulário de Inscrição Eletrônico preenchido, justificativa da importância prática e/ou teórica do Projeto de Pesquisa (preenchido no formulário de inscrição), declaração de concordância da(s) instituição(ões) nacional(is) onde a pesquisa será desenvolvida, sendo todos digitalizados e anexados eletronicamente, em um único arquivo formato PDF e enviado através da área de inscrição destinada à pesquisadora que irá submeter esse projeto. Estes são alguns procedimentos técnicos necessários para homologação das propostas enviadas.

Essa pesquisadora deve estar vinculada a uma instituição de pesquisa. Esse dado nos possibilita perceber o quanto o local onde a pesquisa é produzida garante legitimidade e validade para a mesma, sendo esses espaços considerados como autorizados para produção de verdades. Para Foucault (2014, p.52) “a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que produzem”, são nesses espaços que se produzem as verdades que estão localizadas as vozes autorizadas a produzir e a falar acerca desse conhecimento científico.

Segundo Paula Henning (2007, p. 88), isso se deve ao fato de que “[...] muitos de nós, humanos, desse movimento contemporâneo, não estamos acostumados a viver em um mundo sem certeza e sem segurança, sem clareza

dada pelas verdades científicas.” Nesse sentido, conforme aponta Foucault (2013, p.18), “como se a própria palavra da lei não pudesse mais ser autorizada, em nossa sociedade, senão por um discurso científico”.

Conforme o edital do ano de 2013 o júri “[...] será composto por 8 ou mais pesquisadores indicados da Academia Brasileira de Ciências (ABC), sendo 1 representante da UNESCO, 1 representante da L’Oréal, e será presidido por um membro da Diretoria da ABC [...]” (L’ORÉAL, 2015). Dentre os treze possíveis jurados/as da ABC, seis membros são homens e sete membros são mulheres, como podemos observar a quantidade de membros homens e mulheres é quase equilibrada, havendo uma leve superioridade em número de mulheres. Notamos também que, embora a maioria dos membros sejam mulheres, a comissão julgadora é “presidida por Jacob Palis Júnior” (L’ORÉAL, 2015), que é homem. Mais uma vez, observamos que, embora as mulheres tenham aumentado em número, elas não ocupam cargos superiores em relação aos homens. Cabe também informar que o presidente do júri também exerce a função de presidente da ABC desde o ano de 2007.

Conforme os dados presentes na página da UNESCO (2015) o Sr. Ary Mergulhão Filho, membro do júri que representa a UNESCO, é “coordenador da área de ciências naturais” da UNESCO Brasil. Assim, como a maioria dos membros, ele está ligado à área de Ciências Naturais e Exatas, de acordo com as funções e cargos desenvolvidos. Observamos que nenhum membro do júri possui formação ou atuação na área de Ciências Humanas, tal fato pode contribuir para reforçar a ideia de que o edital de certa forma “exclui” algumas áreas, como exemplo, a área de Ciências Humanas e Sociais, conforme já discutimos.

### **Surgimento da premiação no Brasil: os direitos e deveres das premiadas**

Segundo o regulamento do ano de 2013, desde o surgimento no Brasil em 2006 essa premiação tem descoberto jovens talentosas, contribuído e incentivado a presença feminina na ciência com bolsas de pesquisas no valor de 20 mil dólares para os trabalhos desenvolvidos no Brasil em Instituições de Pesquisa ou Universidades. Ao entendermos a ciência e o gênero como construções sociais, culturais, históricas e discursivas, buscamos dessa forma algumas pistas acerca da emergência dessa premiação no Brasil.

Já faz alguns anos que vêm surgindo alguns discursos que têm possibilitado e colocado em evidência a participação feminina nos espaços públicos. As mulheres sempre trabalharam, porém muitas vezes se restringindo ao espaço privado, outras adentravam o espaço público, porém apenas posteriormente foi alcançado, conforme apresentado no artigo sete da Constituição Federal e o artigo cinco Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a qual regulamenta

o trabalho feminino, lei que também integra o voto feminino, até então houve muitos conflitos com relação às mulheres nesses espaços, pois se temia que o trabalho feminino abalasse a hierarquia entre homens e mulheres, de acordo com Cristiane Lopes (2015, p. 416-417).

Em 1918, quando se discutia o projeto de código do trabalho no Brasil (que não chegou a ser aprovado), a possibilidade de trabalho da mulher casada sem prévia autorização do marido sofreu forte oposição por parte dos parlamentares da época [...] evidente que o argumento da moral, em verdade, é o argumento da conservação da hierarquia entre homens e mulheres.

Esses fatos se devem à luta feminina por direitos iguais, através de manifestações, conferências e reuniões, que foram visibilizando as mulheres e possibilitando outros movimentos. Segundo Brasil (2005, p. 05),

A Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República foi criada em 1º de janeiro de 2003, com status de ministério e inaugurou um novo momento da história do Brasil no que se refere à formulação, coordenação e articulação de políticas que promovam a igualdade entre mulheres e homens.

Outro movimento importante, citado pelo governo, para a igualdade de gênero foi a realização da

I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres (I CNPM), em julho de 2004. A Conferência foi um marco na afirmação dos direitos da mulher e mobilizou, por todo o Brasil, cerca de 120 mil mulheres que participaram, diretamente, dos debates e apresentaram as propostas para a elaboração do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres que, agora, a SPM está colocando em prática. (BRASIL, 2005, p. 05).

A cada dois anos ocorre a atualização desse plano, e, de acordo com as necessidades enfrentadas, se implementa novas políticas para as mulheres, e um tema que apareceu recentemente no último Plano Nacional de Política para as Mulheres (PNPM) de 2013 foi o fortalecimento e participação das mulheres nos espaços de poder e decisão. A implementação de políticas públicas, a promulgação da lei Maria da Penha, bem como as conferências, simpósios e reuniões têm evidenciado a presença das mulheres nos espaços públicos nas mais diversas áreas, bem como na produção do conhecimento científico, que de certa forma esses movimentos estão articulados, têm contribuído e evidenciado a presença das mulheres na ciência, bem como a emergência dessa premiação e posteriormente outras para as mulheres na ciência.

No programa “Para mulheres na Ciência”, é sugerido que as mulheres ganhadoras desenvolvam atividades nas escolas, sem especificar se é instituição pública ou privada. Também não especificam a série.

A ABC e a L’Oréal sugerem que cada pesquisadora selecionada desenvolva, durante os próximos 2 anos, atividades que incentivem a ciência em escolas de ensino fundamental/médio, a fim de despertar o interesse pela pesquisa nos jovens brasileiros. São sugestões de atividades: palestras, workshops, aulas etc. É solicitado que um relatório com estes dados seja enviado (eletronicamente ou em papel) à ABC e à L’Oréal. (L’ORÉAL, 2015).

É interessante observar como essa ciência chega até a escola, estão aparecendo mulheres cientistas nos mais diversos espaços, realizando diversas pesquisas em algumas áreas do saber, mas que sujeita cientista tem sido evidenciada, construída e representada dentro dos mais diversos espaços educativos. Principalmente dentro desse escolar, porque se criou essa necessidade de uma cientista adentrar o espaço escolar e mostrar o que é ciência e quem faz ciência, que atributos ou perfil de cientista mulher estão emergindo.

Embora haja o incentivo para as mulheres na ciência, ele se justifica pelos atributos socialmente construídos com relação às mulheres como a sensibilidade, atenção aos detalhes, e não em relação à sua capacidade intelectual ou competência para essa área.

### **Tecendo algumas considerações**

Transitar por essas narrativas presentes na página do programa, com relação à premiação “Para as Mulheres na Ciência”, nos possibilitou problematizar a presença/ausência das mulheres, que foi sendo produzida em meio a discursos políticos, culturais e científicos, que de certa forma estão articulados entre si. Discursos esses que, além de estarem implicados na emergência dessa premiação, estão presentes na constituição das mulheres cientistas premiadas, as que desejam essa premiação, e até mesmo as meninas que sonham em ser cientistas pois, de alguma forma essas “verdades” que estão sendo produzidas vão ganhando outros espaços para além desse espaço da premiação.

Organizada nas categorias de análise “Que mulheres são essas que a ciência precisa?” “As exigências da premiação” e “Surgimento da premiação no Brasil: os direitos e deveres das premiadas” nos possibilitaram refletir acerca das ausências e presenças das mulheres na ciência, bem como o surgimento dessa premiação no ano de 2006 no Brasil.

Ao analisar os dados, percebemos o quanto as mulheres conquistaram espaço dentro da produção do conhecimento científico, porém percebemos também que não são em todas as áreas do conhecimento, assim como não

são todos os níveis de produção que elas ocupam. São poucas as mulheres que ocupam cargos em níveis de pesquisadora mais elevados. Ao refletirmos, nos parece que a mulher até pode fazer ciência, mas ela tem que ter talento para isso para poder ser reconhecida como cientista.

Nos parece que na atualidade o que se procura são “Einsteins femininos”, jovens mulheres talentosas com aptidão para a ciência, como se fosse um dom e que para isso também requeria muito esforço, devido às exigências que se fazem presentes nos editais de premiação e de produção científica.

Sabemos que as discussões e problematizações que buscamos tecer ao longo dessas análises não são definitivas ou inquestionáveis, mas apresentam apenas algumas reflexões sobre as mulheres na ciência e as premiações atribuídas a elas, a partir de um olhar desconfiado e crítico diante dos dados, olhar esse que fomos desenvolvendo ao longo da pesquisa, compartilhando-o com o/a leitor/leitora para buscar desestabilizar e problematizar esses discursos e verdades que estão sendo postos.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS [ABC]. **Programa L'Oréal-ABC-Unesco para mulheres na ciência**. Rio de Janeiro, [2014]. Disponível em: <[http://www.abc.org.br/rubrique.php?id\\_rubrique=98](http://www.abc.org.br/rubrique.php?id_rubrique=98)>. Acesso em: 26 ago. 2015.

BANDEIRA, L. A contribuição da crítica feminista a ciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 207–228, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a20v16n1.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília, 2005.

CHASSOT, A. **A ciência é masculina? É sim senhora!** 4.ed. Vale do Rio dos Sinos: UNISINOS, 2003. (Coleção Aldus ; 16).

CNPq. **Estatísticas e indicadores do fomento**: quantitativos de bolsas. Disponível em: <<http://www.memoria.cnpq.br/estatisticas/bolsas/graficos.htm>>. Acesso em: 18 set. 2015.

CORDEIRO, M. Questões de gênero na ciência e na educação científica: uma discussão centrada no Prêmio Nobel de Física de 1903. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia: Ed. da UFSC, 2013. p.10-14.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 10.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23.ed. São Paulo: Loyola, 2013.

“Para mulheres na ciência”: uma análise do programa da L’Oréal

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HENNING, P. Profanando a ciência: relativizando os seus saberes, questionando suas verdades. **Currículo sem Fronteiras**, [S.l.], v. 7, p. 158-184, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/henning.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

L’ORÉAL BRASIL. **For women in Science**. Disponível em: <<http://loreal.abc.org.br/>>. Acesso em: 18 set. 2015.

LOPES, C. Direito do trabalho da mulher: da proteção à promoção. **Cadernos Pagu**, [S.l.], n.26, p. 405-430, jan./jun. 2006. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30398.pdf](http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30398.pdf)>. Acesso em: 13 fev. 2015.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MACIEL, L. S. B.; SHIGUNOV NETO, A. A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p.465-476, 2006.

MAGALHÃES, J. **Corpos transparentes, exames e outras tecnologias médicas: a produção de saberes sobre os sujeitos homossexuais**. 2012. 148 f. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2012. Disponível em: <[http://www.sexualidadeescola.furg.br/index.php?option=com\\_phocadownload&view=category&cid=3&Itemid=73](http://www.sexualidadeescola.furg.br/index.php?option=com_phocadownload&view=category&cid=3&Itemid=73)>. Acesso em: 02 jan. 2015a.

\_\_\_\_\_. **Porque os homens nunca ouvem e as mulheres não sabem estacionar?** analisando a rede discursiva das neurociências quanto as questões de gênero em alguns artefatos culturais. 2008. 85f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15947/000693986.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

MELO, H.; RODRIGUES, L. **Pioneiras da ciência do Brasil**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2013. Disponível em: <[http://www.sbpnet.org.br/site/publicacoes/outras-publicacoes/livro\\_pioneiras.pdf](http://www.sbpnet.org.br/site/publicacoes/outras-publicacoes/livro_pioneiras.pdf)>. Acesso em: 07 jan. 2015.

MEYER, D. E. E.; SOARES, R. de F. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 23-44.

ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Realidade e Educação**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, jul./dez. 1995.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.

SCHWANTES, L. et al. Provocações ao ensino de ciências: outros modos de ensinar e problematizar a ciência na formação dos professores. In: HENNING, P; RIBEIRO, P. (Org.). **Diálogos na educação em ciências**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2013. p.51-61.

SILVA, F. **Mulheres na ciência**: vozes, tempos, lugares e trajetórias. 2012. 148 f. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012. Disponível em: <<http://www.ppgeducacaociencias.furg.br/images/stories/2.2012/teses/fabiane.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2014.

UNESCO. **Equipe da representação da UNESCO no Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/contact-us/unesco-team-in-brazil/>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

YANNOULAS, S. (Org.). **Trabalhadora**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Abaré, 2013.

## Resumo

*“Para mulheres na ciência”: uma análise do programa da l’oréal*

O presente artigo tem como objetivo investigar premiação da L’Oréal “Para Mulheres na Ciência”. Esta pesquisa se fundamenta a partir do campo teórico dos estudos feministas e de gênero, na sua vertente pós-estruturalista. Os dados de análise serão produzidos a partir da página da premiação, bem como alguns excertos presentes nos sites das parcerias ABC e UNESCO. As análises estarão ancoradas em algumas ferramentas da análise do discurso em Foucault. Nas análises tecidas buscamos algumas condições que possibilitaram a emergência dessa premiação e os discursos produzidos acerca das mulheres na ciência.

**Palavras-chave:** Ciência. Mulher. Premiação.

## Abstract

*For women in science: an analysis of the l’oréal programme*

This paper aims to investigate the L’Oréal “For Women in Science” award. The research is based on the theoretical field of feminist and gender studies in its post-structuralist aspect. The data for analysis were produced from the “For Women in Science” award webpage and includes some excerpts from the websites of partners ABC and UNESCO. The study was anchored in several speech analysis tools by Foucault. In the woven discussion, we sought some conditions that made possible the emergence of this award and the discourses produced about women in science.

**Keywords:** Science. Woman. Award.